



RODAS DE CONVERSA: REFLEXÃO ACERCA DO USO DE DROGAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Camila Victória Pereira da Silva ¹
Angélica Vanessa de Andrade Araújo Lira ²
Milenna Selly Peres de Oliveira ³
Clésia Oliveira Pachú ⁴

RESUMO

O número de adolescentes que fazem uso de substâncias psicoativas aumenta exponencialmente no Brasil. É fato que, as transformações pertinentes nesse momento da existência humana podem vulnerabilizar o indivíduo, aproximando-o do mundo das drogas. Diante disso, a escola se apresenta como ambiente que concentra muitos desses adolescentes e pode subsidiar a implementação do processo de prevenção. O presente estudo objetiva promover reflexão acerca do uso de drogas no contexto escolar por meio de rodas de conversa. A metodologia utilizada foi a ativa do tipo problematização para promover reflexão acerca do uso de drogas numa escola de ensino Fundamental da cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil, no período de agosto a dezembro de 2019. No primeiro momento foi consultada a Secretária de Saúde do Município de Campina Grande, seguida pela visita a escola. Nesta foram realizadas chamamentos aos estudantes que desejassem participar das rodas de conversa no contra turno das aulas curriculares. Nos encontros realizados foi perceptível o interesse de participação dos estudantes que aderiram mais facilmente após a criação de vínculo, chamamento e oferta acessível do conteúdo proposto. Paulatinamente foram se posicionando enquanto sujeitos, propondo temáticas e atividades. As intervenções demonstraram a disponibilidade dos assistidos ao longo do processo e indispensável implementação de Políticas Públicas na escola, em especial quanto às drogas no contexto da adolescência.

Palavras-chave: Adolescentes; Drogas; Contexto escolar; Prevenção.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da drogadição tem atingido todos os sexos classes sociais e idades de forma irrestrita, gerando crescente preocupação tanto do sistema de saúde quanto da sociedade civil. O uso indevido de drogas psicotrópicas entre os adolescentes em contexto escolar cresceu de forma significativa nos últimos anos. O estudo de Paiva *et al.* (2018) realizado com estudantes adolescentes mostrou que 45,6% consumiam álcool, 1,5% maconha, 0,3% cocaína e 1,7% inalantes.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia, membro do Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, camilavpereira97@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia, membro do Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,angelicavanessa14@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia, membro do Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, milennasoliveira@gmail.com;

⁴ Professora Doutora, membro do Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, clesiapachu@hotmail.com.



Considerando os dados estatísticos, percebe-se que as crianças e adolescentes em idades escolares têm iniciado o uso de álcool e outras drogas cada vez mais precocemente, perfazendo o aumento da vulnerabilidade ao abuso e dependência de substâncias psicoativas. Os dados estatísticos levantados por Barbosa *et al.* (2014), em regiões urbanas no ano de 2012, estimaram que cerca de 60% dos jovens entre 14 e 19 anos de idade já consumiram álcool.

Caminhando nessa mesma direção teórica, Andrade *et al.* (2014) apontam que estudos epidemiológicos realizados no Brasil expressam o aumento significativo do uso de tabaco e cocaína entre esse público. O VI Levantamento Nacional do Uso de Drogas Psicotrópicas realizado com estudantes em 2010, comprovou que 25% destes já abusaram de alguma substância (CEBRID, 2010). A partir disso, a problemática instaura-se em virtude da funcionalidade do sistema de recompensa cerebral, o qual libera diversos neurotransmissores em distintas regiões do cérebro, de modo que haja repercussão no indivíduo.

Sabe-se que o delineamento dos comportamentos que almejam a sensação de prazer são acionados pela liberação da dopamina. Nesses casos, há associação desse neurotransmissor ao receptor conhecido como núcleo accumbens (Nac), que é uma estrutura cerebral constituinte da área do centro do prazer e que evidencia efeitos reforçadores. Desse modo, o uso de drogas se apresenta capaz de desencadear a liberação desse neurotransmissor que acaba por gerar a sensação de deleitamento. Nesse sentido, pode potencializar a frequência e reincidência do uso por parte dos adolescentes (ANDRADE *et al.*, 2014).

Essa fase da vida se processa atravessada por adaptações e modificações, sejam elas comportamentais, hormonais, neuroquímicas, cognitivas, psicológicas e sociais (ANDRADE *et al.*, 2014). Por isso, há a imprescindibilidade de cautela com este público, uma vez que os referidos marcadores podem atuar como mecanismos de proteção ou risco, maximizando ou não a suscetibilidade ao uso de álcool, tabaco e outras drogas. Assim, Barbosa *et al.* (2014) salienta que a escola articula-se como um viés de sustentação e ambiente favorável na prevenção e promoção ao acesso à saúde e educação.

Nesse sentido, seja em função do tempo de permanência dos adolescentes neste espaço ou pelo caráter de formação de cidadania e comprometimento, acabam por reverberar a necessidade de propagação do esclarecimento e informação acerca dos danos ocasionados a partir do uso e consumo de substâncias psicotrópicas, por exemplo. Outra situação, seria por meio da atuação do corpo docente como ponto na rede de apoio, realizando o chamamento comunitário e familiar e proporcionando o diálogo.



Além disso, o posicionamento combativo não é eficaz na tentativa de suprimir o acesso às drogas e pode suscitar curiosidade (CASELA *et al.*, 2014). Para tanto, a idealização de estratégias que fomentem discussão, explicação com teor científico e acessível são mecanismos possíveis nos programas de serviço à comunidade. O Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (NEAS/UEPB) por meio do Projeto “Prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas em escola municipal de Ensino Fundamental em Campina Grande, Paraíba”, tem atuado a uma década em ambiente de vulnerabilidade que circunda estudantes adolescentes e a relação com as drogas.

Neste contexto, o NEAS/UEPB realiza intervenções universitárias em escolas públicas fazendo uso de metodologia ativa do tipo problematização. Assim, o presente estudo objetiva promover reflexão acerca do uso de drogas no contexto escolar por meio de rodas de conversa.

METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de extensão universitária utilizando a metodologia ativa do tipo problematização para promover reflexão acerca do uso de drogas numa escola de ensino Fundamental da cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil, no período de agosto a dezembro de 2019. Nesse sentido, as intervenções ocorreram com estudantes do 4º ao 7º ano do Ensino Fundamental, no contra turno e por livre demanda. No primeiro momento foi consultada a Secretária de Saúde do Município de Campina Grande, seguida pela visita a escola.

Após aval da Secretária de Saúde e aceite da Direção da Escola foram realizados chamamentos aos estudantes que desejassem participar das rodas de conversa no contra turno das aulas curriculares. Para tanto, foi realizado o convite pessoalmente e por meio de plataforma digital com mediação da direção da escola, para que comparecessem às reuniões que aconteciam às sextas-feiras, das 13:30 às 16 horas.

No segundo momento, ocorreram os encontros semanais no sentido de sensibilizar os participantes acerca dos malefícios ocasionados pelo uso de álcool, tabaco e outras drogas. Para tanto, estruturou-se atividade preventiva por meio de rodas de conversas com média de dez a vinte e cinco adolescentes a cada momento. Por último, ao longo das intervenções mediu-se a necessidade de discussão de determinadas temáticas que atravessam o universo das drogas, como questões emocionais, relações familiares e com pares. Os participantes



exprimiram seus pensamentos acerca do tema abordado, sugestionando em cada encontro programático.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 25 participantes das rodas de discussão, em média 15 e 10 eram do sexo feminino e masculino, respectivamente. Todos estudantes de escola pública, em área de grande vulnerabilidade social, cursando do 4º ao 9º ano.

A iniciação prematura do uso de substâncias psicoativas entre adolescentes amplia a possibilidade de dependência mediante os fatores neuroquímicos. Para além destes, existem as considerações acerca dos relacionamentos interpessoais, influência dos pares, facilidade ao acesso às drogas, meio social e cultural que o adolescente está inserido, são alguns dos aspectos que fomentam a probabilidade de consumo e riscos futuros (SARTES *et al.*, 2014). Partindo dessa perspectiva, evidencia-se que a existência de fatores de proteção são imprescindíveis para o apoio do indivíduo que se encontra na iminência de fazer uso de substâncias psicoativas (BARBOSA *et al.*, 2014).

Assim, a escola pode funcionar como fator de proteção, promovendo programas de prevenção, no sentido de evitar que mais adolescentes estejam expostos (SARTES *et al.*, 2014). Partindo dessa perspectiva, a extensão universitária por meio das atividades desenvolvidas pelo NEAS/UEPB dispôs-se a auxiliar a referida instituição de ensino, prezando pela disseminação do trabalho preventivo, com o intuito de atenuar os riscos outrora mencionados, que geravam insegurança e preocupação da coordenação da escola com o público assistido.

Com o intuito de maximizar a proteção e acolhimento destes indivíduos no contexto escolar, quando viabilizadas estratégias interativas, que proporcionam comunicação, troca e contato, valorização da oportunidade de experienciar e aprender com outrem, por meio das rodas de conversa, acabou-se por estimular a necessidade de reflexão, expressão da opinião e aprendizagem, dessa forma, coadunando com Barbosa *et al.* (2014), no que se refere a eficácia da utilização dessa mediação. Diante do que emergia, os adolescentes relataram acontecimentos em que estiveram suscetíveis e foram apresentados à algum tipo de droga, comumente elencaram cigarro de tabaco, álcool e maconha. Apesar disso, todos alegaram não ter consentido com os convites que vinham dos pares/colegas.



Além disso, quando abordadas questões emocionais e de identidade, informaram que mediante situações de *bullying* na escola, acionavam-se gatilhos para o sentimento de inferioridade e baixa auto-estima, o que reverbera a existência de fatores de risco exógenos, conforme explicita Sartes et al. (2014) como tendências que representam ameaça considerável para a iniciação ao uso de drogas. Destarte, no que tange às relações interpessoais, seja com indivíduos do âmbito familiar, escolar, comunitário, houve repercussão quanto aos exemplos e modelos que podiam assimilar e agregar as suas respectivas subjetividades. Percebeu-se nesses casos, que teciam comentários tanto negativos, quanto positivos. Em relação à escola, consideravam, em suma, que articulava-se como instituição útil na redução do impacto danoso que incidia sobre eles, devido a comunidade em que residiam, proporcionalmente compatível com Casela et al. (2014), quando certifica que a escola é um agente poderoso no enfrentamento do uso de drogas.

No que concerne a comunidade, os adolescentes mencionaram que havia um alto grau de periculosidade por causa da oferta e acessibilidade para encontrar drogas, e que era comum visualizar situações de comercialização destes entorpecentes, por exemplo. Acerca da família, alguns ratificavam que eram protetivas, e por vezes transmitiam protótipos negativos, seja através do uso de substâncias diante dos menores, ou mesmo pela negligência ao assunto, o que não compatibiliza com um dos pressupostos de Paiva e Costa (2014), qual seja a participação ativa dos parentes para a efetividade do afastamento do risco iminente.

Os procedimentos adotados foram respaldados em conformidade com a faixa etária, ensino formal e assuntos que emergiam, e conseguiram sensibilizar os adolescentes no que se refere à precarização da vida quando associa-se às drogas. À priori, o intuito era inteirar os estudantes acerca dos malefícios biopsicossociais decorrentes do uso de drogas, assim como fomentar a construção de rede de apoio e a dedicação à singularidade, uma vez que, por meio da compreensão da idiosincrasia que perpassa cada subjetividade, aproxima-se da responsabilização e implicação (interna e externa) fundamental para vida em sociedade.

As rodas de conversa foram marcadas por uma série de relatos de vida, permitindo acessar a compreensão dos adolescentes com a questão da drogadição, cujo resultado induziu na construção de estratégias capazes de promover espaço de reflexão e envolvimento dos mesmos na preservação de sua saúde biopsicossocial. Além disso, foi possível uma troca de vivências pessoais entre os participantes, no sentido de alavancar o compartilhamento de modos de enfrentamento sobre os cenários facilitadores para a inicialização do uso de substâncias psicoativas, correspondendo, dessa maneira, com Paiva e Costa (2014) ao



ponderar que sentir-se pertencente desencadeia o caráter participativo e aprofunda o processo de conscientização.

Por meio do acolhimento humanizado e escuta atenciosa e empática, construiu-se um cenário amplo para o desenvolvimento das potencialidades humanas e condução de assistência psicossocial preconizada na singularidade das demandas dos assistidos. Durante as rodas de conversa, foi possível perceber algumas variáveis para o acometimento da dependência química, dentre as quais as ligações familiares desestruturadas, situações de abandono, contexto econômico desfavorável e baixa expectativa pessoal. Ainda, envolvimento com pessoas com má influência, esses se apresentam como elementos preditores e importantes para a aproximação dos adolescentes com as drogas psicoativas (PORTO; PASSOS, 2016).

As atividades realizadas no contexto escolar priorizaram a condução de rodas de conversas por meio de variados temas, dentre eles: relações interpessoais, o lugar que as substâncias psicoativas ocupam na vida humana, aprofundamento das consequências destas substâncias no organismo. Além de suporte psicossocial da família, perspectivas futuras da vida e o estímulo para o descobrimento de novas movimentações diante das suas demandas. A reflexão e a problematização dessas questões proporcionaram aos adolescentes traçar caminhos em direção ao autoconhecimento, sensibilizando-os a respeito do seu lugar de protagonismo social e promotor de saúde mental.

Ampliou-se o campo de visão dos estudantes acerca da sua capacidade de se posicionar ativamente em relação aos condicionamentos econômicos, políticos e sociais. Nesse sentido, perfazendo um ambiente propício para reflexão das variáveis comprometedoras para a inserção das pessoas ao universo de substâncias psicoativas.

Mediado por uma perspectiva de entrelaçamento entre Saúde e Educação, foram requeridos instrumentos assistenciais ligados ao processo de sensibilização dos atores sociais por meio da reflexão das demandas individuais, institucionais e coletivas necessárias para prevenção da drogadição no público adolescente. Assim, semeou-se a possibilidade de assentar intervenções holísticas capazes de incidir em diferentes cenários como trabalho, escola, família, ciclo social, sistema de saúde entre outros (PORTOS; PASSOS, 2016).

Desta forma, a execução das atividades de extensão no ambiente escolar promoveu o fortalecimento da lógica de suporte psicossocial e produção de redes de apoio intersetorial



entre instituições de saúde mental, corroborando para integração comunitária dos adolescentes de maneira assertiva e interligada às suas demandas individuais e sociais.

Nessa perspectiva, as rodas de conversa de caráter preventivo se mostraram como espaço amplo para expressão da subjetividade, reverberando positivamente na formação de dialogicidade acerca temática da drogadição na adolescência. Segundo Azevedo e Miranda (2011), quando a oficina consegue produzir subjetividades, catalisar afetos, formar pensamentos e sentimentos desconhecidos ou inexplorados, possibilitando aos adolescentes trabalhar e descobrir suas potencialidades para conquistar espaços sociais, entende-se que houve caracterização de um momento terapêutico. Desse modo, dá-se ouvidos e impulsiona as potencialidades das falas dos assistidos, além da possibilidade de acolhimento.

Nesse sentido, faz-se reconhecida a importância do desenvolvimento dessas atividades especialmente com espaço aberto para elaboração de um momento frutífero e terapêutico no que diz respeito à vazão dos discursos dos estudantes, de maneira verbal ou não verbal. Partindo dessa perspectiva, a presente atividade extensionista ofereceu um apoio psicossocial aos assistidos.

Faz-se necessário oportunizar a acessibilidade à informação aos estudantes por meio da Psicologia como ferramenta para contemplar a multiplicidade de realidades. Este foi um dos pilares que favoreceu o reconhecimento do risco associado ao uso de substâncias psicotrópicas por parte deste público. Conforme salienta Sartre *et al.* (2014), os fatores de proteção se definem pela minimização da evidência de comportamentos de risco. Destarte, o discurso que emergiu denotou a importância da focalização na seguridade e elaboração de uma rede de apoio. Assim, o compartilhamento da troca de saber e a mediação ratificaram ser primordial a continuidade do desenvolvimento de ações preventivas quanto ao uso de drogas no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dependência química no ambiente escolar representa problema social e questão grave de saúde pública, podendo gerar crescente preocupação para o município, escola e responsáveis pelos estudantes. Fica evidente a necessidade da implementação de programas e ações públicas voltadas à promoção e prevenção do uso de drogas no âmbito escolar. N



presente estudo, ficou demonstrado a importância da elaboração de estratégias que articulam-se como instrumento de prevenção do uso de substâncias psicoativas por parte de adolescentes em contexto escolar.

As rodas de conversa contribuíram na promoção de saúde por via do estímulo à subjetividade, atividades de promoção do autoconhecimento, protagonismo social e a reflexão por parte dos estudantes a respeito das variáveis biológicas, psicológicas e sociais. A revelação do pensamento implica no processo de subjetivação humana e sua relação no contexto de drogadição. Desta forma, as intervenções permitiram a construção de espaço amplo de expressão da singularidade, socialização, interação, construção e promoção de saúde mental.

Mediante a execução das rodas de conversa, possibilitou-se discutir e compreender o ponto de vista dos adolescentes acerca do fenômeno da drogadição. Assim, as discussões das experiências se tornaram aprendizados que podem promover a superação de conflitos, favorecer a autoestima, fortalecer vínculos e capacidade de enfrentamento das situações potencializadoras para o consumo de substâncias psicoativas.

A semente plantada pela prática extensionista na referida escola, regada por meio da visão biopsicossocial do homem e configuração de práticas humanizadas, acolhedoras e promotoras de saúde mental, mostrou-se como um caminho possível e efetivo para prevenção ao uso de drogas entre adolescentes no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, André Luiz Monezi; et al. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da (orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. **Escola Anna Nery**, 15(2), 339-345, 2011.

BARBOSA, Altemir José Gonçalves; et al. Prevenção escolar ao uso de drogas por adolescentes: intervenções que funcionam. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da (orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

CASELA, Ana Luísa Marlière; et al. As práticas de prevenção ao uso de drogas no Brasil. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da (orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.



CARLINI, E. A. et al. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras.** São Paulo: CEBRID, 2010.

PAIVA, Haroldo Neves de et al. Associação do uso de drogas lícitas e ilícitas, sexo e condição socioeconômica entre adolescentes de 12 anos de idade. **Cadernos Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 153-159, 2018.

PAIVA, Fernando Santana de; COSTA, Pedro Henrique Antunes da. Participação juvenil: uma alternativa para se abordar o uso de drogas no processo escolar. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da (orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

PORTO, Kelly; PASSOS, Rachel Gouveia. O uso de substâncias psicoativas por crianças e adolescentes: a experiência de um acolhimento institucional no município do Rio de Janeiro. **O Social em Questão**, p. 171-192, 2016.

SARTES, Laisa Marcorela Andreoli; et al. Fatores de risco e de proteção para o uso de álcool e outras drogas. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da (orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.